

REDES SOCIAIS E O EAD: O SUJEITO E AS NOVAS COMPETÊNCIAS

Ribeirão Preto – SP- Abril 2012

Métodos e Tecnologias

Educação Universitária

Nível Meso – Gerenciamento, Organização e Tecnologia
Tecnologia Educacional

Investigação científica

RESUMO

Cada vez mais a busca pela informação é um desafio para quem pretende atingir um nível de profissionalismo. A rede social oferece possibilidades múltiplas para os sujeitos que mergulham nesse oceano de informação por meio do ensino a distância. Sua materialidade inclui relações pessoais e interpessoais em um tempo-espço. Com essa materialidade surge diferentes sujeitos ligados a uma intenção e uma expectativa de atingir práticas educacionais satisfatórias, quando não excelentes. A pesquisa, ancorada na teoria do discurso de origem francesa, tem como ferramenta principal os sujeitos que se ocupam dessa busca. Assim, examinar como a relação professor-aluno constroi também novos sentidos. Quais as competências dos sujeitos no ensino a distância? Questões essas que ultrapassam as fronteiras nacionais e se fazem presentes em um fazer pedagógico mundializado.

PALAVRAS CHAVE: educação a distância; ensino aprendizagem; redes sociais.

INTRODUÇÃO

A rede social oferece possibilidades múltiplas para os sujeitos que mergulham no oceano de informação por meio do ensino a distância. Sua materialidade inclui relações pessoais e interpessoais em um tempo-espço. Com essa materialidade surge diferentes sujeitos ligados a uma intenção e uma expectativa de atingir práticas educacionais satisfatórias, quando não excelentes. Por isso, para pensarmos essa rede social e os sujeitos e discursos que nela se constroem, estaremos ancorados na teoria do discurso de origem francesa.

Nossa página inicial, tema do trabalho que se segue, é o ensino a distância que usa como principal ferramenta o portal acadêmico por meio da tecnologia da informação. Essa nova materialidade na relação professor-aluno constroi também novos sentidos, por uma rede de filiações que estão colocadas sobre o que é ser aluno e o que é ser professor, assim como sobre o que é o ensino a distância, modalidade que também já conhece uma historicidade e possui sentidos constituídos antes de se apropriar desse novo suporte – o uso da tecnologia da informação.

Quando professores ou alunos falam sobre novas tecnologias de educação, costumam subentender que estão se referindo à educação a distância. Essa imagem restrita se contrapõe à ideia muito difundida e facilmente aceita de que a educação ocorre em múltiplos lugares e que, além disso, também são múltiplos os agentes educativos.

De acordo com essa ideia, alguns vão adiante e afirmam que todas as relações que os seres humanos mantêm em suas vidas, sejam relações interpessoais ou intergrupais, sejam relações com a comunicação – geram influências e aprendizagens. Segundo um discurso já consolidado pelas instituições de ensino e pelo aparelho educacional do Estado, o ensino a distância (EAD) foi criado com o objetivo de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem por meio do uso das tecnologias da informação e, assim, fornecer um aprendizado de qualidade para aquelas pessoas que não teriam acesso a educação tradicional. Segundo Amorim^[1], a tecnologia tem sido apontada como via evidenciadora e possibilitadora de uma mudança educacional. Consiste também no fato de que qualquer interessado em um assunto tem a chance de obter conhecimento do mesmo autonomamente.

Desse ponto de vista, a educação seria um fenômeno comportamental. A comunicação, afirma Robert Vion (1992: 32)¹, “não remete para uma teoria da mensagem (processos de codificação, de transmissão e de decodificação), mas a uma teoria de comportamentos, sejam por meio de *links*, *hiperlinks*, signos verbais ou visuais.”².

A principal justificativa para essa nova forma de ensino foi a de suprir as necessidades daquelas pessoas que não se adequavam ao ensino tradicional, porque estavam muito distantes geograficamente da instituição de ensino, ou porque não possuíam horários compatíveis com o da instituição, ou mesmo para aqueles que não precisam necessariamente estar em salas de aula para que possam desenvolver o que acham necessário para sua formação pessoal ou profissional: “a educação cabe em todo lugar”.

De outra parte, muitos questionarão as orientações, as formas e conteúdos das mensagens dos meios de comunicação virtual. Mas questionarão com tão maior intensidade quanto mais reconhecerem o poder dessa ferramenta para a formação de opiniões e na definição de estilos e adequação

É claro que inicialmente no processo de aprendizagem via tecnologia vem criar trocas de informações e com isso aprender e aperfeiçoar o sistema educacional.

Fica evidente a contradição entre aceitar tamanha amplitude dos fenômenos educacionais e, ao pensar em intervir em educação, ter em mente apenas o universo da educação escolar. O aluno precisa administrar uma ação que envolve: planejar, organizar, coordenar e controlar.

Quanto ao aspecto das mensagens dos meios de comunicação, comunicar-se bem é uma forma de libertação. Quando falamos, temos a oportunidade de arrancar as máscaras e deixarmos transparecer quem realmente somos, liberando outras formas de expressão que permaneciam em estado latente.

¹ Todos os textos citados em língua estrangeira são traduzidos por mim.

² La communication ne renvoie à une théorie du message (des processus d’encodage, de transmission et de décodage), mais à une théorie des comportements, qu’ils soient verbaux ou non verbaux.

1. O EAD e os usuários das Tics

Ao final da década de 80, o computador e, conseqüentemente, a *internet* marcaram uma nova maneira de se enviar e receber informações, e isso pode ser visto também na educação a distância. Aretio ^[2] define a EaD como um sistema tecnológico de comunicação bidirecional, que engloba vários recursos didáticos disponíveis, uma organização institucional e tutoria que possibilita uma aprendizagem autônoma e flexível.

Do ponto de vista operacional, a educação a distância se faz presente pela existência da Tecnologia Educacional, que segundo Litwin^[3] é um corpo de conhecimento que incorpora as ferramentas disponíveis no contexto sócio-econômico que estejam inseridas na teoria da comunicação e nos desenvolvimentos de tecnologia de ponta.

O acesso a esta tecnologia permite que as pessoas possam organizar, produzir e armazenar informações de uma maneira muito mais eficiente. Tal tecnologia também permitiria uma maior interação entre o aluno e o professor no sistema EAD. A comunicação se tornou mais dinâmica e mais rápida, fazendo com que as distâncias fossem menores e superassem os obstáculos geográficos. Foi neste período que se iniciam as idéias em torno do uso de computadores como auxiliares da educação. No decorrer dos anos 80 e por toda a década de 90 vê-se que aos poucos, o uso de computadores ligados a *internet* se torna comum nas universidades, escolas privadas e também em algumas escolas da rede pública.

Com a *internet*, termos como *sociedade da informação* começaram a ser usados, pressupondo, ou pelo menos construindo esse sentido, que o novo meio pudesse fazer toda a sociedade ter acesso à informação e, conseqüentemente, à educação.

Fazer parte desta sociedade da informação significa ter acesso ao mesmo nível de informações que qualquer outra pessoa em qualquer outro lugar. Isso então proporciona a qualquer indivíduo integrante adquirir o conhecimento desejado sem se importar com as distâncias ou ter que se submeter às barreiras que um curso tradicional ofereceria.

A idéia de “democratização” da informação se faz necessária para dar sentido ao novo instrumento educacional, como se as “barreiras” para o acesso à educação fossem somente físicas. Nesse caso, temos um discurso que tenta se construir como uno, mas que se esburaca se colocado diante de outras formações discursivas sobre os problemas de acesso à rede eletrônica pela maioria da população: pelo menos 80% da população vivem “*off-line*”.

1.1 Usuários *On-line* versus usuários *Off-line*

O suporte dado ao aluno pode ser dividido em dois tipos: o primeiro abrange aqueles que não têm acesso à *internet* e, portanto, podem usar o sistema de correios ou máquinas de fax para receber e enviar o material. O aluno ainda pode entrar em contato com o tutor através de telefone. Estes alunos possuem encontros presenciais com frequência determinada pela instituição. O segundo tipo abrange aqueles alunos que possuem acesso à *internet* e usam este mecanismo para receber e enviar informações, podendo ainda estabelecer uma relação com os outros alunos através de fóruns de discussão ou espaços reservados para a troca de recados entre os alunos e entre estes e o tutor.

Outra vantagem que o acesso à *internet* traz é que o aluno pode desenvolver as tarefas propostas em seu próprio computador, lendo o material recebido, discutindo com seus colegas *on-line*, realizando pesquisas na rede e, por fim, reenviar o material. Isso tudo sem o consumo de papel ou a necessidade de se deslocar para realizar tarefas distintas.

Neste Segundo caso, a interação do tutor com o aluno é maior devido ao mecanismo de comunicação ser mais rápido e interativo do que aquele no qual o aluno se comunica por correspondência não eletrônica com seu tutor.

Para que esta interlocução entre o tutor e o aluno se dê, é necessário um sistema mediador que deve ser dominado pelas duas partes. Uma vez matriculado na instituição o aluno recebe um *login* e um código que lhe darão acesso ao conteúdo do curso e também a chance de pertencer a um grupo com o mesmo interesse. O *e-mail* vai facilitar a troca de arquivos incluindo: vídeos, figuras, sons e textos. A informação é disponibilizada para um grande número de pessoas ao mesmo tempo, sem se considerar o nível de educação

de cada participante (o ensino tradicional geralmente faz o mesmo), permitindo ao tutor padronizar o material a ser usado para a realização da disciplina.

A principal vantagem de se ter acesso à rede, é a troca de mensagens em tempo real, tanto com o tutor do curso quanto com os outros participantes. Fóruns de discussão permitem uma maior integração destas pessoas e, portanto, dão uma maior motivação para aquele aluno que necessita de maior atenção durante seu aprendizado. Também se pode ver uma maior liberdade de expressão, pois é o aluno que escolhe se vai ficar *on-line* ou *off-line* durante uma discussão, ou se quer que sua pergunta se torne pública ou não.

Já as videoconferências permitem um relacionamento em tempo real, no qual os alunos estão reunidos num mesmo ambiente integrando-se com os colegas de sala e não com a tela do monitor, a moldura de suas ações será a do tutor/professor.

É esperado que o uso destas ferramentas descritas acima possa trazer benefícios educacionais. As ferramentas de comunicação são usadas para apresentar a informação do professor/tutor para o aluno e vice-versa. O computador pode armazenar esta informação e conseqüentemente o aluno pode usá-la num dado momento desejado. A informação, uma vez armazenada, pode ser acessada a qualquer momento pelo aluno que tem a chance de decidir quando e onde estudar. Há, então, a sensação de que o professor/tutor encontra-se disponível sempre, assim como o conteúdo curricular.

Todo esse equipamento de multimídia permite criar uma realidade virtual que supriria a necessidade de um real encontro com o professor. A simulação deste tipo de interação pode ser uma grande motivação para a continuidade do curso já que também há a sensação de não se estar sozinho quando em fóruns de discussão. Essa nova relação levanta questões sobre o tempo e o espaço, sobre a distância e a proximidade. Temos um outro tipo de sociabilidade, que podemos chamar de tecnológica, já que é exclusivamente mediada por um aparato técnico que pretende suprir a necessidade da fisicalidade do professor e do aluno.

Supõe-se que este sujeito aluno seja disciplinado o bastante para completar o aprendizado do que lhe foi proposto. Esta disciplina é em parte

garantida pelo constante relacionamento com a instituição na troca de informações e no controle virtual e (em parte) presencial de suas atividades.

Constrói-se, então, uma nova relação entre sujeitos de um novo discurso sobre uma nova forma de educação, dados pela utilização de novas ferramentas e novas possibilidades de interlocução. A originalidade que se edifica no EAD retém uma memória discursiva sobre o que é ser professor, o que é ser aluno, o que é uma aula, são essas formações discursivas que permitem o aparecimento de novas posições-sujeito.

Pensar no ensino a distância é pensar em sujeitos conectados a essa rede mundial que transforma a relação tempo e espaço, que faz circular discursos fragmentados. Uma rede que, assim como o processo de aprendizagem, só funciona se estamos inseridos nela, uma rede com pontos de esburacamento e entrelaçamento.

A rede eletrônica permite localizar conteúdos e recorrer a fontes como sons e imagens fixas ou em movimento, os sujeitos têm acesso a um fluxo frenético de informações e a uma possibilidade ilimitada de interação, como afirma Roger Silverstone^[6], ao definir a rede mundial de computadores como uma *promessa de um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados, instantaneamente*.

A encruzilhada da *internet* é paradoxal, como analisa Kucinski^[7], constitui um espaço no qual se manifesta a fragmentação ética e o individualismo, ao mesmo tempo em que é a poderosa ferramenta dos libertários, dos que não se resignaram ao triunfo do neoliberalismo. Resta-nos saber como os sujeitos estarão inseridos nesse universo contraditório, como a educação a distância irá se construir nessa nova “sala de aula”, que continua quadrada, mas que tem uma espacialidade hipertextual e uma localidade indefinida.

A rede eletrônica possibilita a rápida locomoção de um local a outro, os sujeitos atravessam paredes sem necessariamente abrir e fechar portas, a propagação do ensino *on-line* traz consigo indagações complexas a respeito do próprio conhecimento, da sua utilização e do seu impacto sociocultural.

Dentre as discussões apontadas sobre a rede e suas possibilidades fica uma questão para a educação a distância: como se posicionam os sujeitos (aluno e professor) diante da rede?

2. Aluno e professor: sujeitos de um discurso nas malhas do digital

Como já vimos, as novas tecnologias causam impacto em diferentes áreas. Os computadores e a *internet* criaram novas oportunidades, novas profissões, novas formas de trabalho que englobam mais gente a cada dia. Entre essas novas formas está incluída a educação a distância, algo que já conquistou espaço no mercado e que, a cada dia, abraça mais e mais adeptos.

O meio digital permitiu o surgimento dessa nova categoria de educação, o ensino a distância, que ganhou espaço até mesmo dentro das universidades convencionais. Hoje, pessoas de qualquer parte do Brasil podem interagir em cursos oferecidos em diferentes áreas estando em qualquer parte do mundo. Podem escolher como cortar cabelo, como montar uma empresa, como tocar um instrumento musical, até mesmo se pós-graduar. A falta de tempo acelerou o ritmo das pessoas, que tiveram que se adaptar aos moldes digitais rapidamente.

Ao adentrarmos no ambiente educacional *on-line*, muita coisa nos parece diferente da modalidade que estamos acostumados e vivenciar. E realmente são diferentes, porém não menos eficazes. Os alunos e o professor geralmente não se conhecem pessoalmente, nem por foto; o modo de ler o conteúdo do curso passa a ser na tela e não mais no papel (embora alguns prefiram imprimir para ler); o modo como as aulas podem ser comentadas, como podemos dar vazão às nossas opiniões, mostrar nossos descontentamentos e criar discussões agora são mais abertos do que em uma sala de aula comum, onde muitas vezes o aluno não consegue ou tem vergonha de se manifestar. Podemos tirar dúvidas a qualquer momento é só escrever um e-mail que, em breve será respondido pelo professor ou também por algum outro colega que possa contribuir com alguma experiência.

Essa sensação de distância tende a ser menor em cursos a distância já que esse contato torna-se mais rápido e com menos constrangimento. Às vezes, o que o aluno jamais perguntaria na sala de aula presencial por vergonha, ou por se achar menos inteligente que os demais, pode na aula *on-line* discutir tudo o que quiser. O aluno torna-se um sujeito potente, capaz de

realizar ações que a fisicalidade da sala de aula não permitiria, que a identificação da relação interpessoal não possibilita.

Diante desses enunciados perguntamo-nos: como se dá a construção da relação sujeito educador e sujeito educando no ensino a distância? Quais as condições de construção dessa relação? Que elementos compõem a interação virtual entre o ser o saber?

Se a linguagem é o discurso como percurso, mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social a fim de fazer deste um ser especial com capacidade de significar e significar-se^[8], é também por meio da relação homem-conhecimento que a linguagem significa.

A questão educacional no Brasil é tema que preocupa inúmeros segmentos da população no país. Um dos pressupostos para tal preocupação assenta-se na dificuldade das instituições de ensino atenderem à demanda do estudante contemporâneo.

Ávidos pelo conhecimento e bombardeados pelas novas tecnologias, o aprendiz percorre instituições educacionais públicas ou privadas preocupado com uma formação que atenda a seus anseios e também aos do mercado capitalista.

Nesse contexto, estudantes e instituições tentam interação utilizando metodologias diversificadas, desde as mais tradicionais até as mais arrojadas, incluindo dentre estas as mais novas tecnologias. A polêmica entre o antigo e o novo surge como transversalidade que se impõe sobre as vantagens e desvantagens de tais métodos.

Os sujeitos ganham novas ferramentas, mas continuam assujeitados por uma linguagem tão fluída quanto o mercado e tão veloz quanto o capital.

Referências:

[1] Morim, Antônio C. R. de, "Quais os caminhos a trilhar na discussão da Tecnologia Educacional no Âmbito das escolas?" Revista Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 141, p.42-45, 1998.

[2] Aretio, G., “Conceitos e fundamentos de educação a distância”, 1998. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta98/roser/cap2.htm>>. Acesso em: 18 abr.2006.

[3] Litwin, Edith (org). “Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas”, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

[4] Borges,

[5] Norman & Stanford

[6] Silverstone, Roger, “Por que estudar a mídia?”, São Paulo: Edições Loyola, p.17, 2002.

[7] Kucinski, Bernardo. Jornalismo na era virtual. Ensaio sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo: Editora UNESP, p. 71, 2005.

[8] Orlandi, E. P, “Análise do Discurso: princípios e procedimentos”, Campinas, SP: Pontes, 1999.